

“DIDATICANDO”: REFLEXÕES SOBRE A CONTRIBUIÇÃO DA DIDÁTICA PARA A FORMAÇÃO DO PROFESSOR E PARA O COTIDIANO ESCOLAR

Max Rodolfo Roque da Silva - UFRPE

Resumo

A proposta deste texto é pensar a importância da Didática para a formação do professor, destacando algumas de suas significativas contribuições para o desenvolvimento de tal profissional, bem como, para uma melhor compreensão do cotidiano escolar, enfatizando o contexto significativamente diversificado que o constitui. Compreendendo a Didática como sendo a base teórica sobre a qual a atividade docente se realiza e desenvolve, discutimos sobre os fundamentos desta disciplina, envolvendo-a no contexto da *crise dos paradigmas* e analisando seu suposto distanciamento do referencial marxista e sua aproximação ao referencial pós-moderno. Sendo assim, com vistas a atingir nosso objetivo, norteamos nossa discussão mediante o levantamento das seguintes questões: como podemos pensar a formação do educador na contemporaneidade? A partir de quais elementos podemos pensar formas para que o professor possa agir no sentido de tornar o cotidiano escolar mais rico em aprendizagens, experiências e sociabilidade?

Palavras-chave: didática; formação de professores; cotidiano escolar.

Introdução

O presente trabalho é resultado das discussões realizadas nas aulas de Didática no Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Federal Rural de Pernambuco, nas quais fomos instigados a refletir sobre a importância da referida disciplina para nossa formação e atuação docente. A partir dos conteúdos estudados e debatidos nas aulas sentimos o interesse em nos debruçar sobre este tema, haja vista sua significativa relevância para nosso desenvolvimento profissional.

Sabemos que, ao terminarmos nossa graduação, estaremos nos deparando com uma realidade bastante diferente do que normalmente se é pensado na Universidade. Sabemos também, que nem tudo que aprendemos nas disciplinas pedagógicas que estudamos será possível ser posto em prática. Aliás, esta é uma das grandes questões que angustiam muitos estudantes dos cursos de licenciatura: como vou utilizar os conhecimentos adquiridos na Universidade em sala de aula?

Esta pergunta pode ser tomada sob, pelo menos, duas óticas: uma positiva (ou otimista) e outra negativa (ou pessimista). Se pensarmos positivamente, tomaremos tal pergunta como uma forma de ao longo da graduação nos exercitar a pensar maneiras de trabalhar os conteúdos aprendidos na Universidade em nossa sala de aula. Entretanto, se pensarmos negativamente a tomaremos como forma de alimentar um discurso que apregoa a impossibilidade de relacionar a teoria aprendida durante a formação à prática vivenciada no contexto escolar.

Desta feita, temos que, pensando daquela primeira forma estaremos refletindo sobre possibilidades e limites com o objetivo de se chegar a respostas, mesmo que estas não venham a ser definitivas; ao passo que pensando daquela segunda forma estaremos nos acomodando em meio à imensa tripulação de um barco que navega pelas águas calmas e quentes da falta de compromisso. Falta de compromisso que nos impede de lutar por melhorias na educação e pela valorização do profissional professor e que nos exime de qualquer responsabilidade caso nada disso seja alcançado.

Desde já, é importante destacar que não criticamos aqui os professores e professoras que, por seus muitos anos de trabalho e luta, encontram-se fatigados e, por vezes até, descrentes quanto aos novos e melhores rumos que pode tomar a educação no país. Dirigimos-nos especificamente aqueles e aquelas estudantes que, mesmo no início de sua graduação, já engrossam o coro dos que não acreditam ser possível haver alguma mudança, dos que, mesmo sem ter tentado, desistem por acreditarem ser difícil, quando não impossível, levar de forma clara e acessível os conteúdos aprendidos na Universidade para o contexto escolar.

Sendo assim, não podemos abrir mão de pensar sobre a importância da Didática para a formação do professor. Para que os estudantes que estão se formando nos diversos cursos de licenciatura possam concluir sua graduação e ingressar no mercado de trabalho conscientes e confiantes do que podem, e até mesmo do que não podem, fazer em sala de aula, faz-se necessário a aprendizagem dos conhecimentos da Didática para que, assim, estejam aptos a desenvolver sua prática em diferentes contextos, com diferentes públicos, em diferentes momentos.

Pensar a educação, em suas mais variadas formas de expressão e realização, dentro do contexto significativamente desafiador da sociedade contemporânea requer, antes de qualquer coisa, uma reflexão sobre os fundamentos filosóficos, históricos, sociológicos, enfim, epistemológicos que dão sustentabilidade à prática educativa.

Isto, por si só, constitui-se como um desafio dos mais difíceis, haja vista a multiplicidade de teorias e concepções da educação que são elaboradas e desenvolvidas pelos pensadores da área e que inflamam cada vez mais os debates acadêmicos, influenciando de modo bastante substancial as diretrizes assumidas pelo ensino básico. Certamente que, no centro destes debates faz-se presente a temática da formação de professores, seja ela inicial ou contínua, bem como do cotidiano escolar, sendo enfatizado seu *modus operandi* (funcionamento e organização) e o *modus vivendi* dos sujeitos que o constituem.

Entretanto, não se constitui como objetivo deste texto discutir sobre os amplos e diversos pressupostos que fundamentam a educação, haja vista a impossibilidade de realizarmos tal feito. Ainda assim, faremos algumas considerações sobre o assunto com o objetivo de lançar luzes na discussão que corresponde à proposta deste trabalho.

O interesse que norteia a escrita deste texto é o de pensar a importância da Didática para a formação do professor, destacando algumas de suas significativas contribuições para o desenvolvimento de tal profissional, bem como, para uma melhor compreensão do cotidiano escolar, enfatizando o contexto desafiador da sociedade contemporânea.

Nossa análise se deu a partir de uma pesquisa bibliográfica de autores e autoras que se preocupam em refletir sobre o campo educacional e, de modo mais específico, sobre a Didática. Além de tomarmos como base alguns dos teóricos utilizados em nossos estudos na disciplina que cursamos, acrescentamos as reflexões empreendidas por outros estudiosos da área com vistas ao enriquecimento da discussão que ora desenvolvemos.

Sendo assim, nosso trabalho está organizado em três seções, nas quais serão discutidos assuntos diferentes, mas que convergem para o mesmo fim: a compreensão da importância da Didática para a formação e atuação do professor. Na primeira seção fazemos uma breve discussão sobre o conceito de Didática, enfatizando seus objetivos e temas fundamentais. Na segunda seção refletimos mais detidamente sobre os aspectos concernentes ao ensino, a formação do professor e ao cotidiano escolar para, na última seção, discutirmos um pouco sobre como podemos pensar a Didática no século XXI, estabelecendo possíveis relações com a chamada *crise dos paradigmas* e refletindo sobre o lugar da Didática na contemporaneidade, bem como, sobre suas implicações para o exercício da atividade docente.

Pensando a Didática: alguns apontamentos teóricos

Antes de qualquer coisa, faz-se necessário explicitar a compreensão que temos da Didática, tendo em vista um melhor direcionamento das reflexões empreendidas no decorrer deste texto.

De acordo com Akiko (2003), a Didática, entendida como disciplina componente do currículo dos cursos de formação de professores, elenca em seu conjunto a abordagem de quatro temas de suma relevância para o desenvolvimento da prática educativa, a saber: objetivos educacionais, conhecimentos, metodologia de ensino e avaliação. Temas estes que, ainda de acordo com o autor, “devido à influência da racionalidade moderna têm sido tratados dentro da lógica de simplificação, de dividir e descontextualizar” (2003, p. 69).

Para Akiko, esta forma é a que tem prevalecido e guiado a atividade de muitos professores e professoras: a consideração do ensino como sendo algo fragmentado. A este respeito, afirma:

Este é o resultado da concepção da Didática Tradicional que implica um ensino isolado e que esgota em si as possibilidades de explicação e solução. Esta Didática valoriza sobremaneira a operacionalização e instrumentalização do ensino. Uma Didática acéfala, desconectada de sua origem histórico-social (AKIKO 2003, p. 69-70).

A partir desta citação, podemos inferir dois pontos que não podem ser excluídos quando se deseja fazer uma análise sobre a Didática, a saber: a compreensão da perspectiva que orienta tal disciplina e a compreensão do contexto espaço-temporal em que é produzida.

Entretanto, devemos ter em mente que, embora ainda exista, a perspectiva pedagógica Tradicional, que dentre outras coisas, considera o processo de ensino-aprendizagem como algo mecânico e vertical, tem sido cada vez mais combatida e muitos esforços têm sido feitos para superá-la. Portanto, seria um equívoco apontar sua preponderância sobre as demais perspectivas.

Todavia, não podemos entender apenas a Didática como sendo uma disciplina componente dos currículos dos cursos de formação de professores. De acordo com Libâneo (1994), sabendo que a Pedagogia é a responsável por investigar as finalidades da educação numa dada sociedade e que a Didática é a responsável por assegurar, tanto

na dimensão política quanto técnica, a prática educativa no espaço pedagógico escolar, devemos considerar a Didática como uma disciplina “eminente pedagógica”.

Oferecendo um olhar mais abrangente sobre a Didática, afirma Libâneo (1994, p. 52):

A Didática é, pois, uma das disciplinas da Pedagogia que estuda o processo de ensino através dos seus componentes – os conteúdos escolares, ensino e a aprendizagem – para, com o embasamento numa teoria da educação, formular diretrizes orientadoras da atividade profissional dos professores. É, ao mesmo tempo, uma matéria de estudo fundamental na formação profissional dos professores e um meio de trabalho do qual os professores se servem para dirigir a atividade de ensino, cujo resultado é a aprendizagem dos conteúdos escolares pelos alunos.

A partir da afirmação do autor citado, podemos compreender a Didática como sendo uma disciplina da Pedagogia, como uma matéria de estudo componente dos cursos de formação de professores (ideia que exploramos anteriormente) e como uma ferramenta de trabalho utilizada pelos professores para nortear sua prática. Esta última compreensão é, pois, a que nos interessa aqui discutir mais detidamente.

Ensino, formação do professor e cotidiano escolar: algumas reflexões

Chegando, em fim, ao objetivo maior do texto que ora é discorrido, tecemos algumas reflexões sobre a importância da Didática para o processo formativo do professor, como também, para uma melhor vivência do cotidiano escolar, levando em consideração seu potencial de viabilizador de ricas e fecundas redes de sociabilidade.

Tendo, pois, a compreensão da Didática como a base teórica da atividade de ensino, que tem como resultado imediato, conforme dito por Libâneo (1994, p. 52), “a aprendizagem dos conteúdos escolares pelos alunos”, devemos partir de outra compreensão que influencia de modo bastante substancial o desenvolvimento da atividade de muitos professores e professoras: *a compreensão do que é ensinar*.

Discutir sobre os fundamentos e finalidades do ato de ensinar é algo que ultrapassa os limites deste texto, mas que, nem por isso, deixará de ser aqui abordado. Sabemos que a compreensão sobre o que é ensinar está diretamente relacionada à noção que se tem da própria educação. Desta feita, cada perspectiva pedagógica dará respostas

distintas a esta mesma questão, pois defendem finalidades diferentes para a prática educativa.

É neste sentido, por exemplo, que temos a Pedagogia Tradicional, para a qual o ato de ensinar é uma ação de transmissão do conhecimento por parte daquele que o detém (o professor) para aquele que o precisa adquirir (o aluno), e a pedagogia da Escola Nova, para a qual o ato de ensinar está relacionado, dentre outras coisas, a interação do aluno com seu meio, com seu objeto de estudo, através da mediação feita pelo professor. Enquanto que nesta os conhecimentos prévios dos alunos são valorizados, naquela são ignorados, pois os educandos são tidos como *tabulas rasas* que devem ser preenchidas.

A compreensão que partilhamos sobre o ato de ensinar não é nova, nem tampouco exclusividade nossa, mas é, sem dúvida, a que melhor se adéqua ao que é vislumbrado para a educação há décadas: a valorização do aluno como sujeito de seu próprio conhecimento. É neste sentido que partilhamos do pensamento de Freire (2009, p. 47), para quem “(...) ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou a sua construção”.

Salientando a posição do professor frente aos seus alunos, atesta Freire (2009, p. 47):

Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, a suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho – *a de ensinar e não de transferir conhecimento*.

Sendo assim, entendemos que o professor deve estar aberto aos saberes e as experiências de seus alunos e se permitir adentrar por um universo desconhecido por educadoras e educadores que desenvolvem uma atividade docente autoritária e vertical e se consideram os detentores de todo conhecimento.

Além da noção que devemos ter que, definitivamente, ensinar não é transferir conhecimento, devemos ter o entendimento que ensinar e aprender, embora digam respeito a movimentos distintos, são partes de um mesmo processo e que, por isto, se (inter) relacionam dialeticamente. Devemos ter a compreensão de que aprendemos enquanto ensinamos, bem como, de que ensinamos enquanto aprendemos (Freire, 2009).

Assim, entendemos o ato de ensinar como um ato criativo, no qual o conhecimento é construído e compartilhado e não transferido. Por isto, temos que partir de um raciocínio que, embora seja simples, possui grande importância no que concerne a questão da atividade de ensino. Falamos do raciocínio sobre as bases nas quais repousa o ato de ensinar, sobre os alicerces que lhe dão sustentabilidade e segurança.

Se pensarmos o ato de ensinar como sendo uma atividade criativa e criadora, através da qual é possível se construir (do latim, *construere*: dar estrutura, fabricar, edificar) o conhecimento, devemos pensar, também, nas bases sobre as quais se constitui esta construção. É aí que entendemos a importância da Didática.

Mais do que a responsável por direcionar a atividade de ensino, acreditamos ser, a Didática, a base, para o exercício da prática docente. A partir de seus temas e conhecimentos o professor pode alicerçar sua atividade em procedimentos e diretrizes que propiciarão uma melhor realização do processo de ensino-aprendizagem.

A este respeito afirma Libâneo (1994, p. 52):

Definindo-se como mediação escolar dos objetivos e conteúdos do ensino, a Didática investiga as condições e formas que vigoram no ensino e, ao mesmo tempo, os fatores reais (sociais, políticos, culturais, psicossociais) condicionantes das relações entre a docência e a aprendizagem.

A partir desta citação é possível se perceber a relação que o autor estabelece entre Educação e Sociedade, destacando a importância da Didática para o desvelamento da realidade social que influencia a prática educativa.

Enfatizando sua compreensão da Didática como “teoria da instrução e do ensino”, afirma o autor:

(...) destacando a instrução e o ensino como elementos primordiais ao processo pedagógico escolar, traduz objetivos sociais e políticos em objetivos de ensino, seleciona e organiza os conteúdos e métodos e, ao estabelecer as conexões entre ensino e aprendizagem, indica princípios e diretrizes que irão regular a ação didática (Ibid., p. 52-53).

Mediante a análise da afirmação feita pelo autor citado, podemos elencar alguns elementos de significativa relevância que o professor pode obter através da Didática, a saber: o estabelecimento de objetivos a serem alcançados, a seleção e sistematização dos conteúdos e a organização de métodos.

Podemos inferir, com base no que está sendo discutido, que a prática educativa e, mais ainda, a atividade docente não se realiza sem antes está ancorada numa base que forneça subsídios para seu encaminhamento. O professor não pode abrir mão dos conhecimentos da Didática como se está não correspondesse a uma exigência de sua profissão.

O professor (no sentido mais amplo da expressão: *aquela que professa*) não é apenas aquele sujeito que entra numa sala de aula cheio de boas intenções e conhecimentos que deseja transmitir. Não é o sujeito que fala sobre tudo de todas as maneiras e a qualquer tempo sem possuir um fundamento que norteie sua prática nem o domínio de procedimentos sistematicamente organizados.

Muito pelo contrário. O professor, antes de qualquer outra coisa, é um profissional e não um sacerdote como defendem alguns. E por ser um profissional, deve ser visto como alguém dotado de conhecimentos, teóricos e práticos, e habilidades específicas e orientadas para determinados fins.

Com relação a isto, encontramos subsídios em Tardif (2005), para quem:

O professor ideal é alguém que deve conhecer sua matéria, sua disciplina e seu programa, além de possuir certos conhecimentos relativos às ciências da educação e à pedagogia e desenvolver um saber prático baseado em sua experiência cotidiana com os alunos (TARDIF, 2005, p. 39).

Discutindo os saberes docentes, Tardif (1991) vai classificá-los em quatro grupos distintos, mas que se encontram fundamentalmente interrelacionados. São eles: os saberes da formação profissional, aqueles que dizem respeito às ciências da educação e a ideologia pedagógica; os saberes curriculares, relacionados aos programas de ensino; os saberes disciplinares, que dizem respeito aos conteúdos específicos a serem trabalhados em cada disciplina; e os saberes experienciais, ou seja, os que dizem respeito aos conhecimentos que o professor vai adquirindo ao longo de sua prática.

A partir disto, podemos ter uma noção da complexidade de fatores que constituem a atividade docente. Sendo assim, discordamos enfaticamente do discurso que diz que *só se aprende a ensinar em sala de aula* e que toda teoria ensinada na Universidade não serve de nada. Conforme apontado por Tardif, os experienciais são um dos saberes que constituem a prática docente e não o único. E por ser um dos saberes encontra-se circunscrito no meio de outros que são tão importantes como ele e que lhe dão relevância e significado.

Assim como sabemos que para se pensar é necessário se aprender a pensar, bem como, também sabemos que muito do que hoje somos e temos não nos foi concedido pela nossa natureza, mas adquirido através das aprendizagens que fomos tendo no decorrer de nossas vidas, devemos ter o entendimento de que para se ensinar é necessário se *aprender a ensinar*.

Por isto, insistimos na importância da Didática para a formação, bem como, para a atuação do profissional professor. Entendemos que a prática docente que prescindir dos conhecimentos da Didática torna-se algo vago e sem sustentação, como uma árvore cujas raízes não fixam-se no mais profundo do solo, ocasionando sua queda.

É neste sentido que acreditamos que pensar a formação do professor, hoje, exige uma análise que vá além dos muros da Universidade e da escola. Exige que pensemos a sociedade como um todo, levando em consideração seus segmentos políticos, econômicos e culturais.

Exige que pensemos no intenso desenvolvimento das Novas Tecnologias da Comunicação e da Informação, que levemos em conta a diversidade (de etnia, de gênero, de geração etc.) que constituem a sociedade contemporânea. Exige que tenhamos noção da importância de se formar um profissional capacitado o suficiente para dominar, o melhor possível, diferentes linguagens e recursos com vistas à melhoria, e não a substituição, de sua atividade docente.

Ao adentrar no universo escolar o professor se vê diante de uma enorme diversidade de sujeitos, o que implica diretamente uma diversidade de crenças, de pensamentos, de visões de mundo. Diversidade, aliás, é o termo que mais é utilizado para caracterizar a cultura contemporânea, a qual é designada por muitos como sendo *pós-moderna*.

Analisando a atuação, bem como, a formação do professor inseridas no contexto da pós-modernidade Lampert (2007, p. 22) diz que:

(...) os professores e alunos precisam ser livres e encorajados a desenvolver um currículo capaz de atender à diversidade, pois a pós-modernidade questiona a validade de um modelo educativo ligado a um projeto cultural unitário. (...) Na escola, os professores são capazes de provocar mudanças significativas no cenário escolar e, conseqüentemente, melhorar a qualidade de ensino, o que é indispensável para o progresso do país. Daí a importância da formação docente coerente com o momento histórico e contexto político e econômico-cultural.

Sabemos que o professor se depara com um cotidiano escolar repleto de conflitos que muitas vezes exigem sua participação e que, por isto, precisa estar bem preparado. Sua própria sala de aula constitui-se como um *locus* no qual esta diversidade aparece de modo ainda mais latente. Assentados nas carteiras da sala de aula estão alunos com realidades de vida bastante distintas, com projetos e objetivos, também, distintos e, além disso, com oportunidades diferenciadas.

Por isto, torna-se de significativa importância a participação da Didática no processo de formação do professor. A partir dos conhecimentos da Didática, o professor pode estabelecer objetivos e finalidades para sua prática, pode pensar em estratégias que lhe permitam desenvolver a melhor forma de atingir um determinado resultado, pode criar as condições mínimas para que seus alunos possam construir seus conhecimentos de maneira autônoma e responsável.

Sendo assim, não é diferente com relação ao cotidiano escolar. Levando em consideração o contexto altamente diversificado do espaço pedagógico, o professor precisa dispor de elementos que lhe permitam desenvolver atividades que possam dar conta da multiplicidade de culturas e pensamentos que compõem o universo da escola.

É claro que a questão do cotidiano escolar vai muito além da compreensão que o professor possa ter da diversidade que o constitui, pois envolve a própria estrutura organizacional e administrativa da escola.

Todavia, embora não objetivemos adentrar de modo mais apurado no debate sobre a constituição do espaço escolar, destacamos a afirmação de Lampert (2007, p. 28) ao considerar esta instituição de ensino em sua co-relação com as demais instituições sociais dentro do contexto da pós-modernidade:

A organização-escola, inserida neste contexto, como as demais instituições sociais, está passando por profundas crises de desvalorização. Mesmo tendo avançado na gestão democrática, a escola não consegue mais atender às expectativas e necessidades de uma demanda cada vez mais exigente, competitiva, individualista e consumista. A escola, mesmo com um corpo docente engajado em propostas político-pedagógicas, está sem rumo e não sabe mais quais são as suas funções prioritárias: assistencial? – informativa? – formativa? Integradora? – adaptativa?

Sendo assim, ao pensar na formação do professor não podemos deixar de refletir sobre o seu *locus* fundamental de atividade: a escola, como uma instituição social que dialoga com seu espaço-tempo. O que implica diretamente ter que pensar em suas formas de (re) organização e (re) configuração, levando em conta o contexto em que

encontra-se inscrita e as funções que assume como fundamentais na contemporaneidade.

Uma Didática para o século XXI (?): fragmentos de uma discussão

Ao se completarem certos períodos da história é muito comum se fazer uma análise retrospectiva com o objetivo de averiguar o que foi feito de certo e de errado e mudar aquilo que se pensa não ser mais possível, ou necessário, realizar no novo tempo que se inicia.

Os gregos antigos fizeram isto quando quiseram, através da reflexão filosófica, distanciar-se dos mitos que utilizavam para entender e explicar o mundo; os modernos, quando buscaram, mediante a luz da Razão, livrar-se das amarras da superstição e da ignorância e caminhar a passos largos em direção a um novo tempo pensado como sendo de progresso, felicidade e bem-estar humano.

Muito disto é vivenciado na sociedade contemporânea. Guardadas as devidas proporções, tendemos, assim como nos exemplos citados anteriormente, a olhar para o passado não de modo a encontrar nele elementos de uma tradição que nos vá conferir traços de continuidade, mas, sim de modo a encontrar subsídios que nos permitam estabelecer novas formas de ser e ter que nos caracterizem como um tempo distinto e novo.

Nesta primeira década que caminha para o final, algumas reflexões são muito intensamente feitas e refeitas, dentre os diversos segmentos da sociedade e das inúmeras áreas do conhecimento. Debates têm sido cada vez mais alimentados no que concerne a *crise dos paradigmas* e, como não poderia deixar de acontecer, constituído o cerne das reflexões de inúmeros pensadores e pensadoras do campo educacional. Meio ambiente, tecnologia, diversidade e inclusão são alguns dos temas que compõem o centro das muitas discussões feitas em diferentes lugares e por diferentes pensadores e pensadoras.

Sendo assim, nos perguntamos: afinal de contas, diante da crise dos modelos tradicionais de educação, das formas tradicionais de conceber o processo de ensino-aprendizagem, das formas tradicionais de se pensar e organizar o espaço escolar podemos pensar em uma Didática para o século XXI?

O título do item que hora discutimos possui, propositalmente, um caráter ambíguo: pensa a viabilidade da formulação de uma concepção de Didática que fundamente as estratégias básicas de ensino, ao mesmo tempo em que se pergunta se,

diante da negação de modelos totalizantes e únicos de conceber a sociedade, a cultura, o conhecimento e, no caso que aqui nos interessa, a educação (entendida em sua expressão formal) é possível se pensar em uma Didática que dê conta dos desafios postos cotidianamente ao educador.

De um lado, sentimo-nos receosos em formular questões como estas, haja vista a problemática que envolve suas possíveis respostas; por outro lado, sentimo-nos, também, assaz entusiasmados em termos a oportunidade de refletir sobre questões tão interessantes e instigantes quanto estas de maneira bastante autônoma e responsável, conscientes de nossas limitações e dos prováveis equívocos que podemos vir a cometer.

Com relação ao novo papel (se é que assim podemos dizer) pensado para a Didática neste século XXI, encontramos uma interessante reflexão feita por Silva (2003) no que diz respeito à inscrição desta disciplina no centro do debate sobre a *crise dos paradigmas*. Tomando como referência o debate sobre a revisão da Didática ocorrido na década de 80, no Brasil, engendrado pelo *1º Seminário A Didática em Questão*, sediado na PUC/RJ, a autora discute sobre os novos rumos almejados para a Didática neste período.

De acordo com Silva (2003, p. 2), sua análise:

(...) destaca o movimento de revisão da Didática como marco histórico da Pedagogia brasileira na década de 80. Partindo da problematização do esvaziamento teórico-político da Didática nos cursos de formação de professores brasileiros, o desafio colocado pelos teóricos engajados era o de superação de uma Didática Instrumental rumo à construção de uma Didática Fundamental.

A década de 80 constituiu-se como um dos momentos mais importantes da História da Brasil. É neste período que, após anos de repressão ocasionados pela Ditadura Militar, os ventos da democracia começam a soprar novamente. Intelectuais das várias áreas do conhecimento vão propor alternativas para superar as marcas deixadas pelo regime militar.

Como não poderia deixar de ser, o debate sobre a educação se fará presente. O desejo de pensadores e pensadoras do campo educacional em superar a educação mecânica e instrumental, que formava sujeitos acríticos e fiéis ao sistema, forjada durante a Ditadura se traduziu em reflexões de bastante envergadura e complexidade.

É neste contexto que vai se dá um interessante debate envolvendo concepções pedagógicas que buscaram, cada uma a sua maneira, estabelecer as diretrizes pelas quais

a prática educativa deveria ser realizada. É daí que teremos, dentre outras coisas, a formulação de uma Pedagogia Libertadora e de uma Pedagogia Histórico-Crítica, por exemplo. Além de pensar os fundamentos filosóficos, políticos e sócio-econômicos da educação, estas tendências buscaram delinear novas formas de realização do ensino-aprendizagem, da relação professor-aluno, do desenvolvimento de estratégias de aproximação do aluno ao conhecimento, enfim, do encaminhamento da prática educativa, o que constitui o cerne do pensamento didático.

Para Silva (2003, p. 2-3), é a partir daí que “o referencial marxista se firma nas análises no interior da Pedagogia, tomando como princípio a relação entre realidade educacional e realidade social, de modo a explicar as concepções e práticas pedagógicas como sendo norteadas pela visão liberal da sociedade”.

Também é a partir deste movimento de revisão da Didática que sua neutralidade passa a ser questionada e o esvaziamento teórico e político passa a ser combatido. Buscava-se, com isto, elencar a Didática ao status de importante ferramenta dentro do processo de formação do professor com o objetivo de obter o engajamento deste no contexto das lutas sociais.

Contudo, após a chamada *crise dos paradigmas*, que atingiu aos vários ramos do saber, a questão fundamental que levantamos é como podemos pensar a Didática no século XXI. Ainda de acordo com Silva (2003), o contexto atual reflete uma suposta ruptura na pedagogia com o referencial teórico marxista e a possibilidade de uma nova fundamentação pautada nos pressupostos da pós-modernidade (o que ela chama de discurso da inovação).

Segundo a autora, isto possui dois pontos que devem ser enfocados: primeiro, a ruptura com o referencial marxista amplia o leque de possibilidades de análise na medida em que também amplia o leque de abordagens já que os estudos não se baseiam predominantemente pelo viés da conjuntura econômica, o que permite um enfoque mais apurado com relação à diversidade; segundo, esta mesma ruptura pode implicar uma despolitização da Didática e, por conseguinte, do professor na medida em que há um distanciamento das questões sócio-políticas.

Com vistas ao aprofundamento da ideia apresentada, destacamos a afirmação de Silva (2003, p. 4) no que concerne a suas reflexões:

(...) a problematização que fazemos é no sentido de que, sob qual olhar ideológico se constrói essa “nova prática”. Temos notado que, no interior da

Didática, esse discurso da inovação tem sido predominante, o que nos leva a supor, também, que ele se distancia, por um lado, de um olhar mais crítico quando aborda a relação escola-sociedade, e se aproxima, por outro lado, das políticas oficiais propagadoras das reformas educativas.

A partir desta citação, podemos chegar à formulação das seguintes questões: a aproximação da Didática ao referencial pós-moderno, que constitui esta “nova prática”, implica uma abordagem acrítica do campo educacional em suas relações com o corpo social? Será mesmo verdade que se por um lado a aproximação ao pós-moderno permite a abordagem de temas que melhor correspondem ao contexto diversificado da sociedade contemporânea, por outro desnutre a educação de objetivos que visam à transformação social?

Sem dúvida vivemos um momento de questionamentos e incertezas. As bases modernas de produção e sistematização do conhecimento são rejeitadas pelo discurso pós-moderno, o que deixa um vago que precisa ser preenchido.

A este respeito, Goergen (2005, p. 76), ao tratar da relação entre *Pós-modernidade, ética e educação*, atesta ao dizer que:

Este é o cenário que se descortina para a educação hoje. Sem dúvida, um cenário de crise porque estão sendo desestabilizados os principais alicerces do pensamento moderno sobre os quais se funda, ainda, a prática educativa. (...) São rejeitadas as grandes narrativas, as tradições epistemológicas, a centralidade do sujeito, a história como processo unidirecional, em permanente progresso. O pensamento pós-moderno, ressalva feita ao seu viés modista e radical, reflete uma realidade em transformação que precisa ser assumida criticamente pela teoria educacional e refletida na perspectiva de seu significado, presente e futuro, para a prática pedagógica.

Como não poderia deixar de ser, este cenário de crise, esta realidade em transformação implica reflexões com relação à formação e atuação do professor, o que implica diretamente reflexões concernentes a Didática a partir da qual se constitui a atividade docente.

Devemos conceber uma Didática que esteja ancorada num referencial teórico que prime pelo engajamento do professor nas questões sociais, mas que forneça elementos e conceitos de análise universais, ou que se fundamente numa perspectiva que rejeita os discursos totalizantes e valoriza a diversidade, mas que incorre no risco de promover uma despolitização de professores e professoras frente aos problemas sociais? É possível se pensar na existência de uma terceira via?

Diante do que discutimos até o momento não nos atrevemos a apontar uma Didática que deva ser utilizada por todos os profissionais, em todos os lugares e em todos os tempos, como acreditava Comenius em sua *Didática Magna*. Se a questão sobre os fundamentos epistemológicos da Didática na contemporaneidade ainda permanecem em aberto é porque ainda há muito mais perguntas sendo feitas que respostas sendo dadas.

Todavia, o que nos interessa dizer neste momento é que faz-se necessário que os professores e professoras (assim como os/as estudantes dos cursos de licenciatura que estão em seu processo formativo) estejam atentos/atentas para estas questões que compõem o panorama da disciplina de Didática e se debruçam sobre suas problemáticas no sentido de debatê-las e, posteriormente, posicionar-se de um lado ou de outro com vistas ao desenvolvimento teoricamente orientado de sua prática.

Considerações Finais

Diante do exposto, consideramos que a Didática pode contribuir de modo bastante significativo para a formação do professor, desde que seja fomentada de acordo com os desafios que são colocados cotidianamente para este profissional e aos diferentes contextos sociais e culturais em que sua prática se realiza.

Sabemos que existem outras questões que dizem respeito ao desenvolvimento da atividade docente. Não defendemos aqui que a aprendizagem dos conhecimentos da Didática durante o processo formativo do professor e a utilização destes em sua prática de ensino constituem-se como os únicos elementos responsáveis pela plena realização da atividade docente.

Obviamente que questões que não foram discutidas no espaço deste texto são de muita relevância: como as questões do salário e das condições de trabalho. No entanto, o que buscamos muito enfaticamente frisar aqui foi a importância da Didática para o desenvolvimento da atividade docente, devido aos subsídios que esta disciplina fornece ao profissional professor para a realização de sua prática de modo sistematizado e orientado.

Contudo, devido as nossas muitas limitações não pudemos adentrar no assunto de modo mais aprofundado e apurado. Todavia, mesmo cientes das deficiências que constituem o corpo deste texto, sentimo-nos demasiado satisfeitos com as reflexões a

que fomos instigados a fazer para a sua construção, devido às possibilidades de aprendizagem que nos foi apresentada e a riqueza de reflexões a que fomos instigados a fazer.

Referências

AKIKO, Santos. *Didática sob a ótica do pensamento complexo*. Porto Alegre: Sulina, 2003.

ANDRÉ, Marli E.D.A.; MEDIANO, Zélia. O cotidiano da escola: elementos para a construção de uma Didática fundamental. In: CANDAU, Vera Maria. (org.) *Rumo a uma nova Didática*. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 39ª ed. – São Paulo: Paz e Terra, 2009. (Coleção Leitura)

_____. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. 15ª ed. - São Paulo: Paz e Terra, 2008.

GOERGEN, Pedro. *Pós-modernidade, ética e educação*. 2ª ed. revista – Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

LAMPERT, Ernani. *Pós-Modernidade e a Educação*. In: Linhas, Florianópolis, v. 8, n. 2, p. 04-32, jul. /dez. 2007. Disponível em: <http://www.periodicos.udesc.br/index.php/linhas/article/viewFile/1364/1170> (Acesso em 04/06/2010).

LIBÂNEO, José Carlos. *Didática*. São Paulo: Editora Cortez, 1994.

SAVIANI, Dermeval. *Educação: do senso comum à consciência filosófica*. 8ª ed. – Editora Cortez: Autores Associados, São Paulo, 1986.

SILVA, Eliana Nunes da. *A Didática pós-moderna em questão*. In: Revista Intellectus. Ano 4 [Nº 05] Jul/Dez 2008. P. 31-41. Disponível em: http://www.seufuturonapratica.com.br/intellectus/_Arquivos/Jul_Dez_03/PDF/ArtigoDidatica.pdf (Acesso em 04/06/2010).

TARDIF, M.; LESSARD, C. & LAHAYE, L. Esboço de uma problemática do saber docente. *Teoria & Educação*. Brasil, Vol. 1, nº 4, p. 215-253, 1991.

TARDIF, Maurice. *Saberes Docentes e Formação Profissional*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

ZABALA, Antoni. *A prática educativa: como ensinar*. Porto Alegre: ArtMed, 1998.